

## **A CARTA APOSTÓLICA: fides et ratio**

*Pe. João Pilotti, PSDP \**

### **RESUMO**

Diante dos graves problemas da indiferença e da apatia da mulher e do homem do nosso tempo pelas questões doutrinárias e por seus respectivos porta-vozes o Magistério da Igreja, através de seu representante máximo, o Papa João Paulo II, em 1998 lançou a Encíclica *Fides et Ratio*. O presente artigo procura fomentar nos leitores o interesse pela perene questão da relação entre “Fé e Razão” e suas implicações. Por uma concepção errônea, particularmente incrementada pelos filósofos da era moderna, procurou-se por todos os meios possíveis declarar a “morte de Deus” e o início da era da razão, quem sabe, agora “livre” do “tabu religioso”. O documento em foco é assim estruturado: após breve introdução é apresentada a questão central; ou seja, a razão e a procura da verdade. A seguir focaliza os destinatários da encíclica e a estrutura do documento papal. Por fim são apresentados alguns enfoques: a razão natural e seu alcance; o dinamismo do documento; conotações com Malebranche?; o problema do individualismo moderno. O artigo visa contribuir com os leitores do documento, oferecendo-lhe algumas chaves de leitura do mesmo e estimular o interesse pela sempre emergente questão da relação entre Fé e Razão.

Palavras-chave: Fé. Razão. Verdade. Procura. Revelação. Doutrina. Indiferença. Complementaridade.

### **ABSTRACT**

Before the serious problems of indifference and apathy of both women

---

\* Mestre em Teologia Sistemática – PUCRS.  
Professor do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão – IESMA.

and men of our time as regards doctrinal questions and by their respective spokeswomen and spokesmen, teaching of church, by means of its greatest representative, Pope John Paul II, published *Fides et Ratio* Encyclic in 1998. This article tries to foment in readers the interest by the perennial question of relationship between " Faith and Reason" and their implications. Due to a mistaken conception, specially developed by philosophers of modern age, it was tried by all possible means to declare " God's death" and the beginning of reason age, who knows now " free" of "religious taboo". The document in focus has the following structure: after a short introduction the central question is shown, that is to say, reason and the search of truth. Then it focus the addressees of the encyclic and the structure of Pope's document. Finally some approaches are presented: natural reason and its reach; document's dynamism; connotations with Malebranche? the problem of modern individualism. The article intends to contribute with readers of the document offering them some reading keys of it, and to stimulate the interest by the always emergent question of relation between Faith and Reason.

Key-words: Faith. Reason. Truth. Search. Revelation. Doctrine. Indifference. Complementarity.

## 1 INTRODUÇÃO

O Papa João Paulo II é o grande apóstolo das multidões, que procura acompanhar a vertiginosa mobilidade em que entrou o homem da sociedade pós-moderna. É tido também como o apóstolo da globalização da verdade quando manifesta-se solidário nas relações entre dogma e ciência, entre fé e razão<sup>1</sup>, ao evidenciar o caráter holístico do ser

---

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998. Esta carta em seu conteúdo principal visa esclarecer a Verdade diante da razão e da fé (homem e Deus). Tal conteúdo tem elementos filosóficos que se projetam para além do mundo físico, entrando assim no mundo da metafísica. Seu autor, João Paulo II, tem a alma filosófica, ama a arte, é discípulo do filósofo Lagrange (tomista), é político e sociólogo. A *Fides et Ratio* (1998) é a seqüência da *Veritatis Splendor* (1993), vem, portanto, de cinco anos de preparação e tem como seus colaboradores mais próximos o Cardeal Ratzinger, Maritain, Congar e Paulo VI. O documento é de estilo condensado, portanto não fácil à leitura.

cristão envolvendo a lei – mandamentos - e todos os já conhecidos acréscimos da Igreja.

O pragmatismo e o individualismo caracterizam o nosso tempo deixando o batizado a ponto de quem se acha no direito de escolher o seu menu religioso: seguir o Papa, visitar santuários, viagens turísticas por lugares sagrados, freqüentar grupos e comunidades esotérica ou de experiências religiosas mistas, prontos a ignorar dogmas e interditos por não possuírem o sentido de obediência e pertença.

Nos últimos cinqüenta anos, houve uma perda significativa em campo católico da submissão e da audiência dos fiéis à doutrina e a seus representantes e porta-vozes mais significativos, até mesmo o Papa. Como resolver o problema? O tempo das imposições e das excomunhões não é conveniente que seja reanimado. A mentalidade hodierna é bem outra, e um tal método surtiria mais desgaste eclesial e um surto ainda maior de indiferença e antipatias, sem contar as reações globalizantes promovidas e propagadas pelos meios de comunicação.

Hoje existe, dentro e fora do catolicismo, um sortilégio de “pro-postas” e “res-postas” às crises existenciais do homem moderno. À Igreja, no limiar deste milênio “resta o investimento mais intelectual, muito tradicional no passado, numa razão aberta ao transcendente, à fé religiosa suscetível de aprofundamentos teológicos. Caminho árduo que este Papa não podia evitar, como São Paulo não podia evitar confrontar-se com a cultura grega”.<sup>2</sup>

Podemos dizer que João Paulo II não descobriu um novo caminho de acesso à reflexão teológica, mas de maneira muito oportuna ele lembra caminhos já percorridos, hoje carentes de peregrinos do fazer teológico mais laborioso. Com boa motivação o Papa sabe que a

---

<sup>2</sup> SARTORI, Filippo. *Fides et Ratio: a audácia da razão e o fascínio da fé*. **REB**, Petrópolis, v. 59, n. 233, p.43, 1999.

ortodoxia da fé passa por uma boa fundamentação advinda da reflexão filosófica, obra da razão.

O caminho mais recente percorrido pelos Papas passa por Pio IX, quando, em 1860, fala em coesão da ordem natural com a ordem sobrenatural, que desemboca na *De Fide*. No Concílio Vaticano I e no Decreto *Optatam Totius* no Concílio Vaticano II. Isto não quer dizer ainda que se tenha estabelecido diálogo com toda e qualquer filosofia. Muitos filósofos destes últimos séculos caracterizam-se por uma total oposição à religião, professando-se ateus abertamente e, em alguns casos “pregadores” da erradicação da religião. Como exemplo disto poderíamos citar Russell, que considerava nefastas e falsas todas as grandes religiões, e que era necessário bani-las de forma sistemática.

Este trabalho tentará de colocar em foco o documento papal como tal e focalizar algumas questões que o perpassam, sem ter a pretensão de esgotar o assunto.

## **2 A QUESTÃO: a razão e a procura da verdade**

Na procura de uma realidade transcendente fé e razão irmanam-se, uma mais direcionada na compreensão da natureza, a outra na busca de um melhor discernimento do mistério, com a humilde consciência de quem pouco sabe e procura perscrutar.

Em campo científico, como também no mundo cristão, ao longo da história, e particularmente neste século houve muitas desavenças no tocante à fé e à razão: houve subordinação, antagonismos, separação e complementação. Tais atitudes teceram muitos pólos de debate e:

[...] após doze encíclicas, João Paulo II experimentou compreensivelmente o desejo de voltar a essa temática tradicional, na esperança de encerrar definitivamente este espaço de atrito com a cultura secular. O documento é também um apaixonado e

oportuno apelo à busca da verdade transcendente.<sup>3</sup>

Hoje engana-se quem pensa que o cristianismo esteja crescendo, pois o aumento é mais de ordem vegetativa, isto é, cresce proporcionalmente com o crescimento demográfico mundial e o número de cristãos é maior nos países culturalmente mais desenvolvidos; sinal de que a luta entre razão e fé ainda está em ato.

Nos primórdios da vida cristã já aconteceram situações de confronto entre a fé cristã e as culturas por onde a mensagem evangélica ia se disseminando. Testemunho loquaz e fiel espelho destes atritos são as cartas de São Paulo às comunidades, onde tomado por zelo mais místico que teológico, coloca a sabedoria divina da cruz acima das operações racionais: 1Cor 1,18.21.25; 3,19; 2Cor 11,1.

Combate também os agnósticos, em geral provenientes do ateísmo com a veemência tipicamente paulina, pois segundo ele, deveriam reconhecer Deus pelas suas obras: Rm 1,12.

No século quinto Santo Agostinho influenciado pelo platonismo deixa à luz da desconfiança a razão humana na busca da verdade, vendo-a mais como parte da realidade degradada, e por isso suspeita. Tal compreensão da razão perdurou longamente no Ocidente, até chegarmos a Tomás de Aquino, que influenciado pelos escritos aristotélicos, passa a fazer uma leitura otimista da relação entre as duas vias da Revelação: a natureza, auxiliada pela razão humana e a Bíblia, como dado revelado. Tomás estabelece portanto um elo de compatibilidade e harmonia entre ambas embora não desconheça os limites da razão e a fraqueza da vontade, mas não estabelece um conflito: “A graça não destrói a natureza mas a completa”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Id. Ibid., p.44.

<sup>4</sup> AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios**. Caxias do Sul: EST, 1990. Livro I. ap. 3-8.

Houve momentos felizes e benéficos no diálogo entre fé cristã e filosofia grega, especialmente em Alexandria, tornando-se fator de expansão do Evangelho por quase todo o Mediterrâneo.

Na Idade Média foi de grande mérito o esforço de Tomás de Aquino e de Alberto Magno na conciliação entre as Sagradas Escrituras e uma sã filosofia argumentada pela razão, como a de Aristóteles. Com isso tentou-se rejeitar a tese da “dupla verdade” (razão e Revelação) sustentada pelos averroístas pois “a teoria da dupla verdade admitia a possibilidade de conflito entre as conclusões da razão e as afirmações das Escrituras, assim como a impossibilidade de se optar seja contra a razão, seja contra a Revelação”.<sup>5</sup>

### **3 OS DESTINATÁRIOS DA ENCÍCLICA: o episcopado**

A encíclica parte da Revelação divina, no capítulo primeiro, e sempre supondo a fé o enunciado do capítulo segundo “creio para entender” precede o terceiro capítulo “entendo para crer”. Há uma inversão da tradição apologética no estilo habitual de apresentar a doutrina. Normalmente apresenta os dogmas - dados oferecidos - para a seguir desenvolver a análise subjetiva, do nocional ao dado sobrenatural e sua respectiva adesão. Isto nos evidencia que o documento não é oferecido a todo mundo. Seria duramente contestado por cientistas, filósofos do nosso tempo e por quem não comungasse do credo católico.

Por outro lado há um retorno à valorização do poder da razão, atualmente depreciada em certos setores da Igreja, por isso a *Fides et Ratio* “visa não encetar um diálogo direto com os representantes dos saberes humanos, mas confortar os bispos em sua missão evangelizadora. Importa não se equivocar sobre esta natureza da encíclica: não é

---

<sup>5</sup> SARTORI. Op. cit., p.47.

de diálogo, mas de instrução por parte da instância hierárquica que sabe, ensina e manda. Não se dirige ao público em geral, nem aos cristãos piedosos, mas aos bispos”.<sup>6</sup> Tal endereço aparece muito claro no próprio documento ao número 6.

Ao proceder a leitura do texto tem-se a sensação de uma reciclagem ou de um curso de filosofia. Quem pretende sob o sugestivo título “*FIDES ET RATIO*” encontrar um diálogo com a cultura atual se engana. Aliás, sobre isto, no final do documento encontramos as devidas condenações e fortes reservas.

O toque de mestre e não de diálogo faz com que um não-católico no máximo aprecie a coerência de João Paulo II, mas que jamais comungue com os enfoques descritos no documento. Não há diálogo com a filosofia moderna, como bem o faz notar Gianni Vattimo:

A filosofia - que se torna hermenêutica, escuta a interpretação de anúncios transmitidos - vê-se chamada à renúncia da presença. Não há mais fatos, mas interpretações. Esta renúncia à presença confere à filosofia pós-metafísica, e particularmente à hermenêutica, um caráter de desfecho inevitável.<sup>7</sup>

A filosofia, especialmente na Idade Média, é tida como serva da teologia e mesmo usando conceitos de obras pagãs vem lapidada, sistematizada e transformada a tal ponto de inconscientemente parecer-se com uma nova filosofia. Embora embrionário ou quase virtual este modo de proceder tornou-se o preâmbulo da filosofia secular moderna, bem caracterizada pela sua reflexão não mais geral, mas bem

---

<sup>6</sup> Id. Ibid., p. 47.

<sup>7</sup> JOÃO PAULO II .Op. cit., p., 12-14, n. 6.

delimitada sobre setores da vida real, levando assim a uma série de segmentações:

A distinção e disjunção da filosofia e da religião na época moderna deu-se tanto sob o efeito do progresso das especializações das áreas de conhecimento, que exigem metodologias distintas de abordagem, quanto da descrença religiosa de não poucos cientistas e pesquisadores”.<sup>8</sup>

Por isso a encíclica situa-se entre o materialismo desencantado e ateu e o fundamentalismo, que pouca luz reflete em nossos dias.

A recomendação que é feita aos bispos vai no sentido de incentivar abertamente o retorno a Santo Tomás, evidenciando que a Igreja não deve tomar posição exclusivista frente a qualquer filosofia. Preferência sim, exclusivismo não. O endereço é claro: o progresso das ciências não pode ser nem desprezado, nem ignorado mas convergir para uma maior conscientização cristã. A orientação do magistério vem no sentido de que “a reflexão teológica não dispensa os serviços da filosofia ao Ter de travar intercâmbios com as diversas pistas filosóficas, consistentes, do nosso tempo, o que supõe certa participação nas próprias ciências, notadamente nas humanas e biológicas”.<sup>9</sup>

#### **4 A ESTRUTURA DO DOCUMENTO**

A *Fides et Ratio* está organizada em oito capítulos, todos com um esquema bipartido, exceto o capítulo quatro que está tripartido, além de uma introdução e uma conclusão num total de cento e oitenta parágrafos.

---

<sup>8</sup> DERRIDA, J. e VATTIMO, G. **A religião**. Lisboa: Ed. Porto, 1997. p.112.

<sup>9</sup> SARTORI. Op. cit., p. 48.

A INTRODUÇÃO sob o título “conhece-te a ti mesmo” evidencia a sede que o ser humano tem da verdade, começando assim a vislumbrar uma visão de sentido para a sua existência. Az entrever que aos pouco tal visão da realidade vai desembocar numa outra indagação, que é mais propriamente de cunho religioso, porque pergunta-se pelo fim último da existência.

O CAPÍTULO I coloca o presente documento inequivocamente no âmbito da revelação cristã, sob o título “A Revelação da Sabedoria de Deus”: 1) Jesus, o revelador do Pai; 2) A razão perante o mistério.

O CAPÍTULO II trata da crença como chave de compreensão, ou seja “*Credo ut intellegam*”: 1) A Sabedoria perpassa todo o Antigo Testamento; 2) Começamos a entender algo do mundo graças à sabedoria bíblica.

NO CAPÍTULO III com o “*Intellego ut credam*” a encíclica procura acentuar mais o processo de compreensão da realidade através da razão: 1) A verdade é uma busca (“caminhar”); 2) Admite que a verdade tem pluralismo de facetas, como num prisma.

O CAPÍTULO IV aborda as relações entre fé e razão: 1) Parte com uma narrativa deste relacionamento nos primórdios da era cristã; 2) Tomás de Aquino, no século XIII acende uma luz perene e inesquecível nesta relação; 3) O drama da separação da fé e da razão que se processou depois da Idade Média.

O CAPÍTULO V relembra as intervenções do magistério em matéria filosófica: 1) O magistério está a serviço da Verdade; 2) A Igreja preocupa-se pela filosofia.

O CAPÍTULO VI continua a temática do capítulo IV (fé e razão), analisando as interações entre filosofia e teologia: O que acontece com a “ciência da fé” face às exigências da razão filosófica?; 2) A Igreja ao dizer-se “solicita” com a ciência filosófica entende dizer que é uma ciência evolutiva, como disciplina autônoma.

NO CAPÍTULO VII há uma tentativa de definição das exigências e tarefas que concernem aos cristãos: 1) A

Palavra de Deus (Revelação) apresenta exigências irrenunciáveis; 2) A Teologia deve continuar o seu caminho, tendo em conta as exigências e os desafios da hermenêutica.

A CONCLUSÃO aponta para um melhor entrosamento entre Filosofia e Teologia, não ignorando a ciência, mas tendo clareza que deve caminhar na direção da sabedoria.

Numa época secularizada como a nossa onde se marcam as distâncias das normas éticas provindas da Revelação é sempre oportuno, com o apoiada sempre perene e atual filosofia, buscar ajuda e maior clareza, ao mesmo tempo sabedores de que "a firmeza do ensino não elimina várias perguntas que o leitor pode se formular ao estudar a encíclica."<sup>10</sup>

## 5 ALGUNS ENFOQUES

Pelo seu estilo condensado, filosófico e de retomada de algumas temáticas em capítulos sucessivos, não é fácil delimitar de maneira exaustiva todos os enfoques que a encíclica desenvolve dentro do esquema acima apresentado. No entanto algumas características aparecem com evidência ao longo dos documentos, aqui considerados como enfoques, através dos quais o Papa e o Magistério querem chamar a atenção de seus interlocutores.

### 5.1 A razão natural e seu alcance

Um dos debates mais estimulantes do nosso tempo é a valorização da razão e da natureza humana, que, aliás, João Paulo II no documento vê de forma otimista, conferindo ao homem a capacidade metafísica de desembocar no abstrato e que as falhas humanas nesta busca - alusão indireta ao pecado original - são devidas ao "clima de

---

<sup>10</sup> Id. Ibid., p. 49.

suspeita e desconfiança, que, por vezes, envolve a pesquisa especulativa e ignora os ensinamentos dos filósofos antigos".<sup>11</sup> Isto não impede que o espírito crítico, com todas as outras aquisições da cultura não tenham o seu valor. Uma crítica exercida de forma sadia é benéfica, pois vem purificar a razão. Um exemplo neste sentido pode ser a psicanálise, a arqueologia, a hermenêutica e a bioética, incontroláveis à graça e à Revelação.

Um sãõ exercício da razão natural pode induzir o homem ao sobrenatural. Jacques Maritain ao dirigir a sua crítica a Maurice Blondel lhes adverte que seus argumentos filosóficos postulam por si o sobrenatural. Blondel responde que

[...] a ordem do sobrenatural escapa à consciência do filósofo - enquanto homem *in concreto* -, mas a consciência não escapa dos estímulos que ela deve levar em conta [...] nosso conhecimento [...] se fundamenta [...] sobre o que está posto no concreto.<sup>12</sup>

A grande questão na qual se vê com evidência o problema do limite de campo e competências e ao mesmo tempo a necessidade de diálogo - crítica - entre as mesmas é a eternidade ou não-eternidade do mundo. Judeus e cristãos afirmam a não-eternidade. Budistas, filósofos gregos, atualmente a Nova Era e inclusive pensadores cristãos, como Orígenes e Tomás de Aquino que recusam a demonstrabilidade da não-eternidade do mundo. O ponto é delicado pois se a reflexão teológica e a filosófica por muito tempo misturaram suas águas e após a segregação da religião por muito tempo da parte das ciências e agora a religião volta a substituir, isto prova a influência da razão

---

<sup>11</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit., p. 46-48. n 33.

<sup>12</sup> BLONDEL, Maurice. **Itinéraire philosophique**. Paris: 1966. p.27. apud SARTORI. Op. cit., p.52.

para explicar o real integral, mesmo levando em conta os equívocos históricos da busca religiosa. Qual crença religiosa? Qual visão do mundo? Qual ciência? Eis a questão.

## 5.2 O dinamismo

Uma das mais fortes impressões que a leitura do documento nos deixa é a confiança que o Soberano Pontífice professa na natureza humana e na mente de nossa espécie, não salientando os desgastes do pecado original que, de fato, atingiu mais as faculdades sensitivas, emocionais e volitivas, do que a capacidade intelectual.<sup>13</sup>

O número 49 do documento é, por assim dizer, a profissão de otimismo ao afirmar que a razão por sua natureza está "orientada" para a verdade. É um otimismo que se projeta para além da natureza do gênero humano chegando a envolver a capacidade do espírito humano. O documento estabelece aqui uma dialética entre a Igreja - tradicional defensora do poder da razão - e as ciências modernas - à procura de certezas empiricamente assentadas - que levaram à provisoriedade e ao relativismo cultural. A Igreja além de elogiar a razão a eleva à capacidade de se abrir à transcendência, que é um dos pontos chaves desta encíclica.

Nos números 24 e 25 do documento se evidenciam a profunda sede de saber que todos os homens tem e apoiando-se em Tomás de Aquino postula que introduz mais à compreensão inteligível a fé do que a razão possa introduzir à fé. No entanto a ordem que vai da natureza à graça não é absolutizada pelo Papa, o que permite que se

---

<sup>13</sup> SARTORI. Op. cit., p. 50-51.

possa considerar como aberta a questão do alcance da razão natural - filosofia.

### **5.3 Conotações com Malebranche?**

A *Fides et Ratio* aos números 53 e 81 nos deixa entender o seguinte: para uma melhor compreensão da fé é necessário o conhecimento filosófico e para o pleno desabrochar da filosofia é necessária a aceitação da fé. Ora Malebranche (1638-1715), eclesiástico muito renomado, tentando resolver a dicotomia cartesiana postulou que só Deus pode garantir o paralelismo das operações corporais e das produções mentais. Entendia, portanto, mostrar a verdade da religião cristã por meio da filosofia. É fato notório que posteriormente a filosofia moderna tenha tomado as devidas distâncias de tal posição e “João Paulo II é muito tomista para esposar este ocasionalismo de Malebranche, mas a aliança que ele abençoa entre filosofia e teologia, debaixo do olhar da divindade, lembra o pensamento do ilustre religioso...”<sup>14</sup>

O Papa vem de uma formação tomista, a qual confia de uma maneira inabalável no acordo entre verdade terrena - razão - e verdade de fé - Revelação. Daí o porquê a presente encíclica respeita a autonomia e a distinção entre as duas disciplinas. Não podemos nem cair no extremo de a teologia absorver a filosofia - Malebranche -, nem no outro extremo de a filosofia absorver a teologia - o que fará Hegel mais tarde. Podemos dizer que este é o postulado da presente encíclica.

### **5.4 O problema do individualismo moderno**

Como ignorar um problema tão crucial e evidente qual o individualismo que se move rumo a um neo-sincretismo?

---

<sup>14</sup> Id. Ibid., p. 55.

Esta grave preocupação acompanha a *Fides et Ratio*. Este fenômeno tem suas raízes ancoradas a partir da cultura medieval, onde a união entre fé e razão significou o surgimento das primeiras universidades em torno da teologia, alimentada pela dialética secular, porém controlada pela hierarquia que disciplinava dentro e fora da Igreja. Mais tarde o iluminismo e o cartesianismo emanciparão a razão separando-a da religião gerando uma visão dessacralizada do cosmo, no qual a razão investigará mais à vontade. O ulterior degrau será a modernidade, marcada pelo individualismo generalizado.

Os vínculos entre sociedade e indivíduo não são mais regidos nem pela submissão, nem pela obediência a nenhuma hierarquia, conseqüência da democracia do século XX. O desfecho não seria outro: o *individualismo* no tocante à gestão da fé e da razão. Assim “o indivíduo quer conhecer o objeto de sua adesão para lhe consentir a adesão... Para si mesmo abre-se a perspectiva ilimitada do sincretismo, que escolhe os itens de sua vinculação e aprovação, em contradição com o pacote dogmático que a instituição eclesial entrega em bloco”.<sup>15</sup> E o recente fenômeno da globalização vem a reforçar ainda mais este quadro podendo escolher o seu menu entre as culturas do mundo inteiro. A síntese hoje está a cargo do indivíduo e não mais da hierarquia, embora se esforce por sê-lo.

Observadores do fenômeno atual afirmam que o quadro descrito em *Gaudium et Spes*, ao número 37, que descreve o sincretismo antigo, parece não corresponder mais ao atual estágio de evolução do problema, pois “a diferença parece estar antes na total despreocupação atual por uma autoridade que teria de avaliar e julgar a conveniência das novas incorporações”<sup>16</sup>, especialmente em se falando de Nova Era.

---

<sup>15</sup> Id. Ibid., p. 60.

<sup>16</sup> Id. Ibid., p. 61.

O sincretismo é motivado por querer defender para o indivíduo ou um grupo determinado um conforto interior, onde o bem estar individual hoje assume proporções gigantescas, especialmente nos fenômenos de curas e de quietismo.

Num contexto de erosão ética, anomia e descompromisso com o transcendente não há desvio, pois não há credo e muito menos autoridade. Este é o novo quadro que se contrapõe à universalidade e missionariedade das religiões hierarquizadas.

## 6 CONCLUSÃO

Com 25 anos de pontificado e mais de 100 grandes viagens pelo mundo podemos dizer que João Paulo II é possuidor de um vasto horizonte cultural e de uma síntese de sabedoria que achou oportuno transmitir a toda a Igreja na iminência da celebração dos 20 séculos da era cristã. Ele, com otimismo faz perceber a profícua continuidade que existe entre a razão e a fé e não consegue admitir que a mente pare antes de aderir a um absoluto que possa nortear a existência da pessoa: “existem verdades religiosas, que de algum modo têm as suas raízes na filosofia”.<sup>17</sup>

A preocupação do Papa é de caráter pastoral, pois, sabe da fraqueza do argumento de autoridade, especialmente na sociedade pós-moderna. Porém, em razão dela na parte final do documento dirige críticas a várias escolas de pensamento sem o objetivo de entrar em diálogo com as mesmas. Cabe aos bispos, os primeiros destinatários, tomar eventuais medidas de evangelização. Condena o fideísmo, o racionalismo e outros erros que levam ao niilismo.

A grande originalidade deste documento está na importância que é dada à filosofia para a conceituação do homem enquanto ser natural. Apresenta também numa

---

<sup>17</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit., p. 43-44.

maravilhosa síntese a filosofia católica e a teologia atual, porém, conforme o número 39 da *Fides et Ratio*, deve-se evitar o historicismo.

Outro aspecto inovador da encíclica é a fundamentação bíblica do que é afirmado: a busca do sentido religioso. E ainda mais inovadora é a afirmação que está no número 80, onde diz que na Bíblia há uma filosofia natural e realista do homem, em outras palavras, há uma metafísica implícita.

Como não ver o humanismo, muito peculiar a esta Papa? O documento mostra interesse pelo humanismo moderno. Evidencia o sentido humano da cultura: conhece-te a ti mesmo. João Paulo II mostra esta sua opção desde o começo de seu pontificado, quando, em 1979, publicou a *Redemptor Hominis*.

Todavia o que há de mais característico na *Fides et Ratio* é a especificidade tomista. O pensamento do angélico foi colocado ao centro da encíclica, citando-o por oito vezes de forma explícita e direta. Não parte do ser metafísico e sim do ser existencial.

Em conclusão, como não admitir que João Paulo II, juntamente com todos os Papas deste século, não sejam profundamente admiradores da busca da verdade?

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios**. Caxias do Sul: EST - Sulina - UCS. 1990.

BLONDEL, Maurice. **Itinéraire philosophique**. Paris: [s.n.], 1966.

DERRIDA, J. e VATTIMO, G. **A religião**. Lisboa: Porto, 1997.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

SARTORI, Filippo. *Fides et Ratio. A audácia da razão e o fascínio da fé*. **REB**, Petrópolis, v. 59, Fasc. 233, 1999.